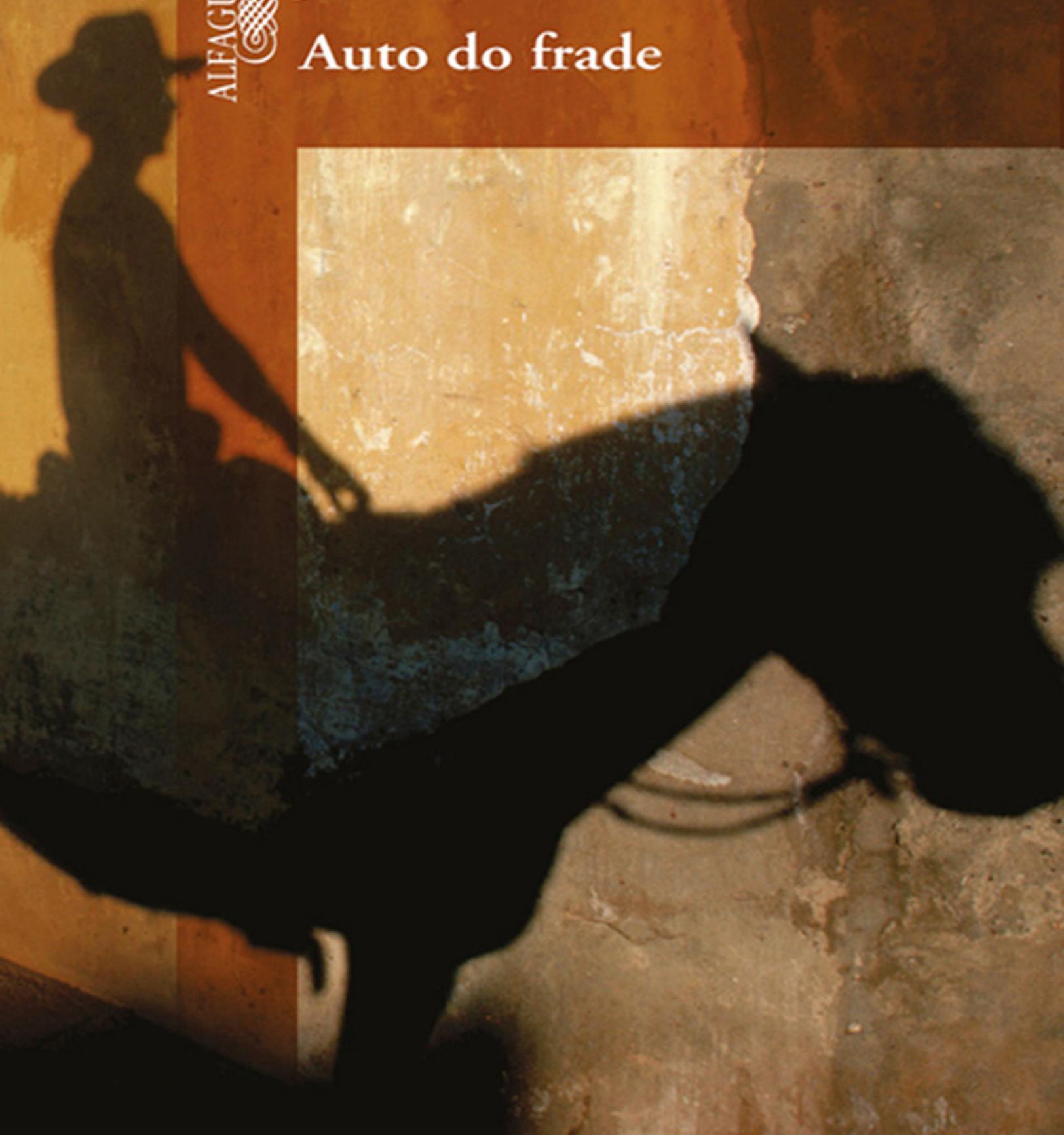


ALFAGUARA



João Cabral de Melo Neto

Auto do frade



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Auto do Frade

Poema para vozes
(1984)

ALFAGUARA


Copyright © by herdeiros de João Cabral de Melo Neto

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Capa
Mariana Newlands

Imagem de capa
Stephanie Maze/Corbis/LatinStock

Estabelecimento do texto e bibliografia
Antonio Carlos Secchin

Revisão
Ana Kronemberger

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
M486a

Melo Neto, João Cabral de

Auto do frade [recurso eletrônico] / João Cabral de Melo Neto. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.

recurso digital

Formação: ePub

Requisitos do sistema:

Modo de acesso:

48p. ISBN 978-85-7962-123-9 (recurso eletrônico)

1. Poesia brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

11-8170 CDD: 869.91

CDU: 821.134.4(81)-1

A meus filhos

*"I salute you and I say I am not displeased I am not pleased,
I am not pleased I am not displeased."*

GERTRUDE STEIN

Na cela

O Provincial e o carcereiro

O PROVINCIAL E O CARCEREIRO:

- Dorme.
- Dorme como se não fosse com ele.
- Dorme como uma criança dorme.
- Dorme como em pouco, morto, vai dormir.
- Ignora todo esse circo lá embaixo.
- Não é circo. É a lei que monta o espetáculo.
- Dorme. No mais fundo do poço onde se dorme.
- Já terá tempo de dormir: a morte inteira.
- Não se dorme na morte. Não é sono.
- Não é sono. E não terá, como agora, quem o acorde.
- Que durma ainda. Não tem hora marcada.
- Mas é preciso acordá-lo. Já há gente para o espetáculo.
- Então, batamos mais forte na porta.
- Como dorme. Mais do que dormindo estará mouco.
- Ainda uma vez.
- Melhor disparar um canhão perto da porta.
- Batamos, outra vez ainda.
- Melhor arrombar a porta. Sacudi-lo.
- Dorme fundo como um morto.
- Mas está vivo. Vamos ressuscitá-lo.
- Deste sono ainda pode ser ressuscitado.
- Deste sono, sim. Do outro, nem que ponham a porta abaixo.
- Está dormindo como um santo.
- Santo não dorme. Os santos são é moucos. Mas têm os olhos bem abertos. Vi na igreja.

Na porta da cadeia

O Meirinho

O MEIRINHO:

— *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

O Clero:

O CLERO:

— Vejo que foi obedecido
à risca o cerimonial.

— Primeiro, eis as tropas de linha,
de porte espigado, marcial.

— Depois, as gentes da justiça
e suas roupas de funeral.

— Depois, irmãos da Santa Casa
com sua compunção clerical.

— E afinal, nós outros do Clero,
que conhecemos o ritual.

— Noto apenas é que o Juiz
que na execução capital
é mais importante que o réu,
é até sua figura central,
não tenha aparecido aqui,
tão pontual que é no Tribunal.

A Gente nas Calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

— Se já está morto. Se não dorme.
Sua cela é escura como um poço.

— Pintada de negro, de alcatrão:
está cego e surdo como morto.

— Não está tão morto. Terá sonhos.
Não há alcatrão dentro do corpo.

— Na cela de negro alcatrão

- há a luz dos ossos em depósito.
- Veio do século das luzes,
para uma luz de branco de osso.
 - Má para as lições de geometria.
Lá guardam as caveiras de mil mortos.
 - Da luz branca que os ossos guardam
lhe chega todo o reconforto.
 - Mas para ver a própria mão
a luz pouca de ossos é pouco.

A Tropa

A TROPA:

- Dizque ele ainda está dormindo,
como criança quando dorme.
- Enquanto ele estiver dormindo,
sofrerá dos pés quem mais sofre.
- Da morte estará bem mais perto
quanto mais tarde o réu acorde.
- Dizque uma lei do Imperador,
que vai chegar, lhe muda a sorte.
- Não sei que esperar desse lado,
não há navio que hoje aporte.
- Terá sido o sono mais fundo
de sua vida viva e insone.
- O sol já subiu bastante alto,
sem que isso a seu sono lhe importe.
- Que sol entra na cela negra?
Lá se dorme como quem morre.

A Gente nas Calçadas

A GENTE NAS CALÇADAS:

- O ataúde que lhe preparam
é mais estreito que sua cela.
- Sepultura de sete palmos,
não se poderá andar nela.
- Como pôde existir imóvel

- quem tem a cabeça inquieta?
- Não estranhará a sepultura quem pôde existir nessa cela.
 - Pôde ver o negro da morte durante o tempo da cadeia.
 - Um capuchinho, na cadeia, quis falar da morte que o espera.
 - Mandou embora o capuchinho, da porta (não tinha janela).
 - Quando a morte, daqui a pouco, não lhe dará qualquer surpresa.

A Justiça

A JUSTIÇA:

- Não estamos todos aqui?
- Só noto a ausência do juiz.
- Por que não chega? Já é tarde.
- O sol, todo aceso, já arde.
- A Taborda, como está longe.
- A mais de três gritos deste onde.
- Andar no sol todo o caminho, nem para um banho nos Peixinhos.
- Bem pior do que ir de procissão: de tarde o sol amansa o cão.
- Por que não apressam o juiz?
- Já o chamaram. Mas não quis vir.
- Não quis vir, não: não o encontraram e a ninguém da raça de juiz.
- Nem o próprio, o Ouvidor de Olinda, nem nenhum vem cá presidir.

Frei Caneca

FREI CANECA:

- Acordo fora de mim como há tempos não fazia. Acordo claro, de todo,

acordo com toda a vida,
com todos cinco sentidos
e sobretudo com a vista
que dentro dessa prisão
para mim não existia.
Acordo fora de mim:
como fora nada eu via,
ficava dentro de mim
como vida apodrecida.
Acordar não é de dentro,
acordar é ter saída.
Acordar é reacordar-se
ao que em nosso redor gira.
Mesmo quando alguém acorda
para um fiapo de vida,
como o que tanto aparato
que me cerca me anuncia:
esse bosque de espingardas
mudas, mas logo assassinas,
sempre à espera dessa voz
que autorize o que é sua sina,
esses padres que as invejam
por serem mais efetivas
que os sermões que passam largo
dos infernos que anunciam.
Essas coisas ao redor
sim me acordam para a vida,
embora somente um fio
me reste de vida e dia.
Essas coisas me situam
e também me dão saída;
ao vê-las me vejo nelas,
me completam, convividas.
Não é o inerte acordar
na cela negra e vazia:
lá não podia dizer

quando velava ou dormia.

O Meirinho

O MEIRINHO:

— *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

A Justiça

A JUSTIÇA:

- O juiz não virá: partiu
na sua visita trimestral
para correr os dez partidos
de seu imenso canavial.
- Canavial de muitas sesmarias
que, para corrê-lo em total,
se precisa de muitas viagens
em lombo de escravo ou animal.
- Algo é suspeito em tudo isso,
tratando-se de homem tão pontual.
Ao corregedor cabe julgá-lo:
quem sabe é um monstro liberal.
- Talvez como é tão importante
(numa execução é central),
receia que confundam o réu
com seu meritíssimo animal.

A Gente nas Calçadas

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Ei-lo chega, como se nada,
como se não fosse o condenado.
- Ei-lo que vem lavado e leve,
como ia ao Convento do Carmo.
- Quando ia ditar sua geometria.
- Ou fosse à redação do diário.
- Agora vai levado à forca.
- Diziam que ensinava o diabo.

- Na sua boca tudo é claro,
como é claro o dois e dois quatro.
- Ei-lo que vem descendo a escada,
degrau a degrau. Como vem calmo.
- Crê no mundo, e quis consertá-lo.
- E ainda crê, já condenado?
- Sabe que não o consertará.
- Mas que virão para imitá-lo.

A Tropa

A TROPA:

- O que estamos fazendo aqui,
de pé e à espera qual cavalos?
- Qual cavalos atraímos moscas,
as moscas de nossos cavalos.
- As moscas não estão saciadas,
vêm dos cavalos para os soldados.
- Caíram todas sobre nós,
e os cavalos foram poupados.
- Ficar de pé sem ter por quê
é dos cavalos e soldados.
- Mas os cavalos têm ao menos
para plantar-se quatro cascos.
- Nós não temos senão dois pés,
e nenhum dos dois vai ferrado.
- Até quando aqui ficaremos,
fazendo de cavalos, de asnos?

A Gente nas Calçadas

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Por que essa corda no pescoço,
como se ele fosse uma rês?
- Por que na corda vai tão manso,
segue o caminho, assim cortês?
- A corda não serve de nada,
não o arrasta nem o detém.

- É para mostrar que esse homem já foi homem, era uma vez.
- Essa corda é para mostrar que ele já é menos que gente.
- Não gente, mas bicho doméstico, que segue a corda humildemente.
- Fera não se amarra com corda. Querem mostrá-lo claramente.
- Não é essa a corda da forca. Querem que a prove, previamente.

O Clero

O CLERO:

- Nós, que somos da Madre Igreja, por força seremos os últimos?
- Teremos de ir detrás de todos? Nossos direitos estão nulos?
- O réu já foi um de nós mesmos, não é mais, porque foi expulso.
- Por ele sequer rezaremos nenhum ofício de defunto.
- Nosso lugar seria à frente, como é prescrito pelo uso.
- Deviam prestigiar o clero e livrá-lo desses insultos.
- É uma forma de nos punir que aqui nos coloquem por último.
- Punir no clero qualquer frade levantadiço é mais que absurdo.

O Meirinho

O MEIRINHO:

- *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

Da cadeia à Igreja do Terço

A Gente nas Calçadas — Não se Parece a Este o Cortejo

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Não se parece a este o cortejo
de alguém a caminho da forca.
- Parece mais bem procissão,
Governador que vem de fora.
- Que gente que veio na frente,
bandeira, padres, gente de opa?
- São os irmãos da Santa Casa,
que se diz da Misericórdia.
- Quem são os que passam depois
de roupas sinistras mas várias?
- São os escrivães, mais os meirinhos:
não abrem mão de suas toucas.
- Outros conheço de uniforme,
são da milícia e são da tropa.
- Para que trazer tanta força
contra um frade doente e sem forças?

Um Oficial

UM OFICIAL:

- Que ninguém se aproxime dele.
Ele é um réu condenado à morte.
Foi contra Sua Majestade,
contra a ordem, tudo que é nobre.
Republicano, ele não quis
obedecer ordens da Corte.
Separatista, pretendeu
dar o Norte à gente do Norte.
Padre existe é para rezar
pela alma, mas não contra a fome.
Mesmo vestido como está,
com essa batina de monge,

para receber seu castigo
é preciso que ele se assome.
Que todo o cortejo avance!
Temos que chegar ainda longe.

Dois Oficiais

DOIS OFICIAIS:

- Este passo está muito lento.
É de procissão, não de guerra.
- Vamos como podemos. Ninguém
disse que o cortejo tem pressa.
- Nesse andar de frade jamais
chegaremos às Cinco Pontas.
- Ao juiz cabia dar o ritmo.
Porém não quis vir até a festa.
- Isto aqui não é procissão,
não tem por que o andar de reza.
- Então o melhor é dizer isso
a quem todo o cortejo regra.
- Andar como padre é dar vez
à gente baixa, que protesta.
- Melhor pois que corra o cortejo,
com passo de assalto, de guerra.

A Gente nas Calçadas

A GENTE NAS CALÇADAS:

- No centro, um santo sem andor
caminhando, é um homem sereno.
- Andor sem andor, e esse santo
pisando o empedrado terreno.
- Ele jamais aceitaria
que alguém o carregasse em ombros.
- Na tão estranha procissão
é o santo que anda, e anda aos tombos.
- Tudo tem de uma procissão
sem cantoria e lausperene.

- Há mesmo tropas desfilando,
que por dever o Santo prende.
- Levam-no como se levassem
algum Bispo a missa solene.
- Este vai a outro altar-mor,
e seguido de mar de gente.

A Gente nas Calçadas

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Ei-lo passa leve e lavado
como se fosse a uma lição.
- Vou pedir que me dê a bênção
e depois beijar sua mão.
- Não deixarão chegar onde ele,
há um eriçado paredão.
- Na procissão, está na cela,
pois não mudou sua condição.
- Só quem é grade da prisão
poderá falar-lhe: os soldados.
- Só quem faz muro de prisão
poderá ser abençoado.
- E só a gente que o leva à força
verá de perto o enforcado.
- Mas não creio que a nenhum deles
interesse sequer tocá-lo.

O Meirinho

O MEIRINHO:

- *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida
contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

A Gente nas Calçadas

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Na procissão que está passando
há muitas damas para um preso.
- Fácil tomarão sua bênção

- se isso estiver nos seus desejos.
- Mas será somente por piedade que alugam balcões no trajeto?
 - Talvez seja até por piedade: mas no Carnaval têm os mesmos.
 - A procissão é um espetáculo como o Carnaval mais aceso.
 - Não há música, é bem verdade, ainda não se inventou o frevo.
 - Mas no cortejo que assistimos há mais luxo do que respeito.
 - Querem ver o réu, mas de cima, é a atração pelo que faz medo.

A Gente nas Calçadas: — Por Que Será Que Ele Não Fala,

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Por que será que ele não fala, nem diz nada sua boca muda?
- Senhor que ele foi das palavras, não há uma só que hoje acuda.
- Contaram-me que na cadeia lhe haviam arrancado a língua.
- Pois, se ele pudesse falar, tropa ou juiz, quem que o detinha?
- Cortaram-lhe a língua na cela para que não se confessasse.
- Condenado que foi à forca, que ao inferno se condenasse.
- Não fala porque lhe proibiram na cela onde as caveiras limpas.
- Os muros que o tinham na cela são agora essas togas, batinas.
- Lá não tinha com quem falar, as paredes nem eco tinham.

Frei Caneca

FREI CANECA:

— Se é procissão que me fazem,
mudou muito a liturgia:
não vejo andor para o santo,
nem há nenhum santo à vista.
Vejo muita gente armada,
vejo só uma confraria.
E tudo é muito formal
para ser uma romaria.
Talvez seja só um enterro
em que o morto caminhará,
que não vai entre seis tábuas,
mas entre seis carabinas.
Irmãos da Misericórdia,
com sua bandeira e insígnias,
me acompanham no desfile
no andar triste de batinas,
com passadas de urubu
como sempre eles imitam,
o andar de grua dos padres
e da gente da justiça.
E essa tropa de soldados
formados para ordem unida,
que cerca o morto, não vá
escapar da cerca viva,
pendurada pelas casas
ou de pé pelas cornijas.
Dessa gente sei dizer
quem Manuel e quem Maria,
quem boticário ou caixeiro,
e sua mesma freguesia.
Cada casa dessas ruas
é também amiga íntima,
posso dizer a cor que era,
que no ano passado tinha.

E essa gente que nas ruas
de cada lado se apinha
(neste estranho dia santo
em que ninguém comercia),
a gente que dos telhados
tudo o que vai vê de cima.

A Gente nas Calçadas

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Por que é que deixou de falar?
Estávamos todos a ouvi-lo.
- Ao passar estava falando,
vinha conversando consigo.
- Por que agora caminha mudo
se estava falando a princípio?
- Decerto o forçaram a calar-se.
Até os gestos lhe são proibidos.
- Fazem-no calar porque, certo,
sua fala traz grande perigo.
- O que lhe ouvi na rua do Crespo
foi “mar azul” e “sol mais limpo”.
- Receiam que faça falando
desta procissão um comício.
- Dizem que ele é perigo, mesmo
falando em frutas, passarinhos.

A Gente nas Calçadas

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Há pessoas com muito medo
de toda essa gente na rua.
- Muita gente em ruas e praças
é coisa que a muitos assusta.
- Como se se vissem de súbito
desarmadas, ou mesmo nuas.
- A gente está com muito medo
da cheia de gente, da súcia.

- Mas não temem o Carnaval,
embora a gente se mascare.
- Sabem que no Carnaval, toda
a gente, em mil gentes, se parte.
- Cada um monta seu Carnaval,
solto na praça, sem entraves.
Cada um segue pelo seu lado
e nada mais há que os engate.

O Meirinho

O MEIRINHO:

- *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida
contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

Oficial e Frei Caneca

OFICIAL E FREI CANECA:

- De que fala Reverendíssimo
como se num sermão de missa?
- De toda essa luz do Recife.
Louvava-a nesta despedida.
- Ouvi-o falar em voz alta,
como se celebrasse missa.
Vi que a gente pelas calçadas
como num sermão, calada, ouvia.
- Tanto passei por essas ruas
que fiz delas minhas amigas.
Agora, lavadas de chuva,
vejo-as mais frescas do que eu cria.
- Um condenado não pode falar.
Condenado à morte, perde a língua.
- Passarei a falar em silêncio.
Assim está salva a disciplina.

O Oficial e o Provincial

O OFICIAL E O PROVINCIAL:

- Vem de dizer o condenado

- que suspende sua falação.
- Mas, falando alto, não pregava.
Falava-se, o que não é sermão.
 - Que tinha a dizer ante a forca?
Não lembra a cela de alcatrão?
 - O alcatrão já não o preocupa
e ao sol curou-se da prisão.
 - Parecia que estava bêbado.
Era álcool ou sua desrazão?
 - Bêbado da luz do Recife:
fez esquecer sua aflição.
 - Mas pareceu falar em versos.
É isso estar bêbado ou não?
 - Mesmo sem querer fala em verso
quem fala a partir da emoção.

A Gente nas Calçadas

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Não me lembro de procissão
com tanta gente para vê-la.
- Parece que todo o Recife
veio às calçadas, às janelas.
- Gente em pleno meio da rua,
e a tropa não pode rompê-la.
- E em cada esquina, cada rua,
na rua mais gente despeja.
- Estamos num rio na enchente
que recebe cheia e mais cheia.
- Há gente até dependurada
pelos lampiões, pelas reixas.
- Gente até no poste da forca
e no alçapão debaixo dela.
- Muita gente pelas cumeeiras
e gente deitada nas telhas.

A Gente nas Calçadas

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Mais gente há nessa execução
do que em muita festa de igreja.
- Ver enforcar padre é oração,
fica bem visto da padroeira.
- Decerto dá bons resultados
como ao pecador indulgências.
- Como aos flagelantes e àqueles
que à carne fazem violências.
- Como as orações, os dez terços,
como os jejuns e as abstinências.
- Por que será que nesse frade
mais do que em santos, tenham crença?
- Viveu lado a lado com eles,
conviveu-os, na saúde e doença.
- Viveu sempre como eles todos,
nunca se isolou com sua ciência.

Frei Caneca:

FREI CANECA:

- Sob o céu de tanta luz
que aqui é de praia ainda,
leve, clara, luminosa
por vir do Pina e de Olinda,
que jogam verde e azul
sob o sol de alma marinha,
sob o sol inabitável
que dirá Sophia um dia,
vou revivendo os quintais
que dispensam sesta amiga
de trás das fachadas magras
com sombras gordas e líquidas.
E, se não ouço os pregões,
vozes das cidades, vivas,
revivendo tantas coisas
valem qualquer despedida.

Sei que acordei para pouco
e que entre a cela sinistra
onde só a luz das caveiras
com luz própria reluzia,
e o outro telão de sono
que cai e que não se bisa,
é estreita a nesga de tempo
para que se chame vida.
E as ruas de São José
com que mais eu convivia,
que passeava sem prever
o passeio deste dia.
Eu sei que no fim de tudo
um poço cego me fita.
Difícil é pensar nele
neste passeio de um dia,
neste passeio sem volta
(meu bilhete é só de ida).
Mas, por estreita que seja,
dela posso ver o dia,
dia Recife e Nordeste,
gramática e geometria,
de beira-mar e Sertão
onde minha vida um dia.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Dizque um menino viu no céu,
revoando, uma Dama Celeste.
- Vestida com um manto pardo
que de asas fazia as vezes.
- E planava para abrigá-lo,
para que o sol não o moleste.
- Depois, ela foi-se esgarçando
como com os panos acontece.
- Foi um menino que a enxergou

- e adultos o mesmo pretendem.
- Decerto é a Senhora do Carmo,
de quem é frade, e que o protege.
 - Padroeira também do Recife,
dos marinheiros que lhe rezem.
 - A Virgem que uma estrebaria
tirou do convento que teve.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Afinal quem marca o compasso
da procissão de caranguejos?
- Como o juiz não veio cá,
vai no passo que podem velhos.
- Este é um cortejo militar
que leva um réu à execução.
- Por causa do clero e outros cleros,
seguem o passo procissão.
- Mas não há um morto, ainda está vivo:
da procissão é o santo e o centro.
- Mas não é por culpa do réu
que o cortejo caminha lento.
- A tropa queria que andassem
passo acelerado de guerra.
- Mas como obrigar a correr
um velho que ande como velha?

O meirinho:

O MEIRINHO:

- *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida
contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

Frei Caneca:

FREI CANECA:

- O raso Fora-de-Portas
de minha infância menina,

onde o mar era redondo,
verde-azul, e se fundia
com um céu também redondo
de igual luz e geometria!
Girando sobre mim mesmo,
girava em redor a vista
pelo imenso meio-círculo
de Guararapes a Olinda.
Eu era um ponto qualquer
na planície sem medida,
em que as coisas recortadas
pareciam mais precisas,
mais lavadas, mais dispostas
segundo clara justiça.
Era tão clara a planície,
tão justas as coisas via,
que uma cidade solar
pensei que construiria.
Nunca pensei que tal mundo
com sermões o implantaria.
Sei que traçar no papel
é mais fácil que na vida.
Sei que o mundo jamais é
a página pura e passiva.
O mundo não é uma folha
de papel, receptiva:
o mundo tem alma autônoma,
é de alma inquieta e explosiva.
Mas o sol me deu a ideia
de um mundo claro algum dia.
Risco nesse papel praia,
em sua brancura crítica,
que exige sempre a justeza
em qualquer caligrafia;
que exige que as coisas nele
sejam de linhas precisas;

e que não faz diferença
entre a justeza e a justiça.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Não sei por que é que este cortejo
evitou o Pátio do Carmo.
- O caminho era bem melhor:
era mais direto e mais largo.
- Dizem que todos tinham medo
de que pudessem sequestrá-lo.
- Tirá-lo do meio da tropa
e então conduzi-lo a sagrado.
- Ou se arrancasse de repente
da cela em que ele vai, cercado.
- Ou que vendo as portas abertas
pudesse escapar dos soldados.
- Sempre foi gente turbulenta
os carmelitas desse Carmo.
- Bem mais que os das casas de Olinda,
Paraíba, Goiana, Cabo.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Desde a noite do dia de ontem
o Carmo está morto e deserto.
- O prior, Frei José de São Carlos,
mandou para casa leigos, clérigos.
- Mandou de férias todos eles
e ficou sozinho no prédio.
- Todo o convento está de férias
como se só fosse colégio.
- Assim todos estarão longe
do condenado e, assim, dos ecos.
- Frei São Carlos segue Caneca,
desde sua cela, manhã cedo.

— Depois sozinho, no convento,
fará no claustro seu enterro.

Dois oficiais:

DOIS OFICIAIS:

- Melhor é apressar mais o passo,
que a gente já se mostra inquieta.
- A gente é o que há de perigoso:
sua arma final é um quebra-quebra.
- Um indulto do Imperador
é o que essa gente ainda espera.
- Não pode haver adiamento
e a volta à prisão negra e cega?
- Como indulto ou adiamento,
se nenhum navio hoje chega?
- Então essa gente das calçadas
vai esperar muito que aconteça.
- Que a padroeira do Recife,
com seus milagres apareça.
- Talvez por ser dos marinheiros,
mande navio a toda pressa.

O Oficial e o Provincial:

O OFICIAL E O PROVINCIAL:

- Que fazer para vos fazer
adotar um passo de carga?
- Demonstrar que em cima de nós
há inimigo na retaguarda.
- Não sentis que a gente impaciente
desse espetáculo está cansada?
- A impaciência que nela sinto
é porque nada disso acata.
- É o indulto do Imperador
o que essa gente toda aguarda?
Não compreendeis que minha tropa
disparará caso atacada?

- A gente não pensa atacar,
é um milagre que a gente aguarda.
E não só a gente dessas ruas:
a gente também das sacadas.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Nos fizeram lavar fachadas
como em dia de procissão.
- Nos fizeram varrer calçadas,
limpar o que faz todo cão.
- Parece até enterro de Bispo,
ou mais bonito, a sagração.
- Até nosso céu eles espanaram
e não só com as brisas, não.
- Como que passaram no céu
esfregão com água e sabão.
- Mas disso tudo agora vemos
qual a verdadeira intenção.
- Enforcar um homem que soube
opor ao Império um duro não.
- (Cem anos depois um outro homem
dirá “nego” a uma igual questão.)

O meirinho:

O MEIRINHO:

- *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida
contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

No adro do Terço

Oficial: — Que toda a tropa forme um círculo

OFICIAL:

- Que toda a tropa forme um círculo
como se protegesse o altar.
Que ninguém entre nesse círculo
nem possa dele se acercar
sob pena de ser condenado:
de sedicioso se acusará.
Quem tentar romper esse círculo
rebelde se confessará.

O Oficial e o Vigário Geral

O OFICIAL E O VIGÁRIO GERAL:

- *Passo ao braço da Igreja o padre mestre Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca, condenado à morte por sedição e rebelião contra o Império, pela Comissão enviada pelo Imperador.*
- *Recebo Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca, para que se proceda à sua execração de acordo com o que determina o Direito Canônico.*

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Agora o estão paramentando:
para vir celebrar a missa.
- Nenhum sacristão o ajudou
tão ritualmente em sua vida.
- Talvez porque essa venha a ser
a última missa que diga.
- Quanto terá de abençoar
o que há aqui de gente inimiga!

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- É falsa a unção com que o ajuda o frade que é seu sacristão.
- Põe-lhe o amito, veste-lhe a alva como a um judas de diversão.
- O cordão agora é o litúrgico, não o que o trouxe como um cão.
- Esse cordão com que ora o cingem não é o barão da força, não.

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Põem-lhe um manípulo bordado como ele nunca usou nem teve.
- Trazem-lhe uma estola de luxo que é mais de bispo que de freire.
- Essa casula com que o vestem lhe cai perfeitamente, é adrede.
- Como mandada costurar por alfaiate que o conhece.

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Agora o conduzem ao trono como um bispo ou como um vigário.
- Como não temos bispo agora, levam-no ao trono do vigário.
- Não sei por que tanto se ajoelha como penitente relapso.
- Se já está do lado da morte, nada o reterá deste lado.

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Não sei se hoje pelas igrejas
é dia de usar encarnado.
- Para enforcado, o justo é roxo,
pois sangue não é derramado.
- Quem sabe se há nisso um presságio?
Quem sabe se vão indultá-lo?
- Me parece, sim, presságio:
não indulto, vão fuzilá-lo.

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Mas não foi para dizer missa
que de luxo o paramentaram.
- Ainda continua de joelhos
perante o bispo improvisado.
- Que parece querer falar
aos que chama de seu rebanho.
- Mas quantos de nós hoje aqui
querem ouvir sua voz de fanho?

A Meirinho

A MEIRINHO:

- *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida
contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

O Vigário Geral

O VIGÁRIO GERAL

- *A degradação eclesiástica é uma pena vindicativa, a mais grave
de todas as penas eclesiásticas. Ao iniciar-se a degradação,
vestem-lhe todos os paramentos sagrados, como se o padre
houvesse ainda uma vez de celebrar o sacrifício incruento da
redenção. E a cerimônia começa, com grande aparato: o
celebrante lhe tira das mãos o cálice, a hóstia e a patena. Depois,
um a um, o vai despindo dos paramentos sacerdotais. Despem-no*

finalmente da batina ou hábito religioso. Está o padre degradado das ordens sacras; já não pode exercer o ministério sacerdotal.

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Não foi mesmo para dizer missa que o haviam paramentado.
- Manda tomar o que lhe deram esse faz-de-bispo, o vigário.
- O cálice e a patena, vejo, foram primeiro arrebatados.
- Com o latim que eles não sabem pensam que tudo está explicado.

[em *background*]

Amovemus a te, quin potus amotan esse ostidimus offerendi Deo sacrificium, Missaque celebrandi tam pro vivo, quam pro difunctis.

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Ainda estão lhe retirando até o que não lhe tinham dado.
- Com a faca raspam-lhe as mãos que tanto haviam abençoado.
- Do índice e do polegar raspam-lhe esse gesto sagrado.
- Parece que o sagrado é poeira: muito facilmente é raspado.

[em *background*]

Potestatem sacrificandi, consecrandi et benedicendi, quam in unctione manum et paelicum recepisti, tibi tollimus hac rasura.

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Vem agora a vez da casula,
da cor do sangue que evitou.
- Que ele evitou de derramar
e só por isso se entregou.
- Quem sabe se o matam com sangue,
cor do paramento que usou?
- Vão sempre falando em latim:
pensam que o fala o Imperador.

[em *background*]

Veste sacerdotali charitatem signante te merito expoliamus, quis ipsen et omnem innocentiam exuisti.

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- O que ainda continuarão,
continuarão a despir dele?
- Arrancam-lhe agora a estola,
que lhe é arrancada como pele.
- Se continuam assim, à força
não arribará nada dele.
- Enforcarão o esqueleto nu,
nu de alma, de carne e de pele.

[em *background*]

Signum Domini per hanc stolam turpiter abjecisti, ideoque ipsam e te amovemus, quem inhabilem reddimus ad omne Sacerdotale officium exercendum.

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Parece que não é o vigário
que vai continuar a despi-lo.
- Ou já estará muito cansado
ou do que resta não é digno.
- Os outros padres, seus lacaios,
tiram-lhe o cíngulo, a alva, o amito.
- De todo o frade que ele foi,
eis que volta ao que é, sem mito.

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Agora lhe raspam a tonsura
com pobre navalha barbeira.
- Despem-no do hábito do Carmo,
para ele é despir-se da igreja.
- Nu de toda igreja, em camisa
e calças de ganga grosseira.
- Voltou a ser qualquer de nós:
pensará que foi ganho ou perda?

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Quando tiravam alguma coisa,
vinham o incenso e a água benta.
- Não era o frade a quem benziam,
estavam benzendo era a prenda.
- Queriam limpá-la do frade
e do diabo, se estava prenha.
- Queriam lavá-la de tudo,
do frade, do diabo e suas lêmdeas.

A Gente no Adro

A GENTE NO ADRO:

- Reparai, agora lhe trazem
uma outra espécie de batina.
- Dizem-na a alva dos condenados:

- a força a exige, é da rotina.
- Nela não enxergo os bordados que há nas alvas de dizer missa.
 - A alva é encardida, é sua mortalha, dizem-na alva por ironia.

O Vigário Geral e o Oficial:

O VIGÁRIO GERAL E O OFICIAL:

- *Devolvo à mão da Justiça o réu Joaquim do Amor Divino, Caneca, devidamente execrado de sua qualidade de sacerdote pelas leis canônicas.*
- *Recebo o réu execrado e nele farei cumprir a sentença de condenação à morte natural na forca.*
- *O réu foi ritualmente degradado de suas funções e dignidades de sacerdote, e é como homem que o faço passar às mãos da justiça dos homens.*
- *E é como homem e como rebelde a nosso amado Imperador que farei executar nele a sentença ditada pela Comissão Militar.*

O Vigário Geral e o Oficial:

O VIGÁRIO E O PROVINCIAL:

- Recomendo-lhe seu amigo.
Queira segui-lo até o algoz.
- A que algoz eu devo levá-lo?
O pior está longe de nós.
- E onde ele está? Quando chegou?
Onde se hospeda o Imperador?
- O Imperador nunca viria
ao Recife, não tem valor.
(Talvez num dia muito longe
possível que venha, mas morto.
Só gente com medo, obrigada,
desfilará ante seu corpo.)

O Meirinho:

O MEIRINHO:

— *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

Da Igreja do Terço ao Forte

Oficial:

OFICIAL:

- Que se recomponha o cortejo
como ele vinha até então.
Todos seguirão na mesma ordem,
e ainda o réu sob proteção.
Iremos ao Forte, onde a força
está atrasada em sua razão.
Que todos sigam até o Forte.
Só depois se dissiparão.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Um dia capangas jagunços
mandaram para sua defesa.
- Havia, dizem, gente paga
para caçar sua cabeça.
- Mandou os capangas de volta
e respondeu dessa maneira:
- Não sou ninguém para ser mártir,
não é distinção que eu mereça.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Na Casa do Carmo viveu
desde que era ainda menino.
- Muito antes de ser carmelita
era aluno de seu ensino.
- Aprendeu lá tudo o que sabe
e não só rezar ao divino.
- Quando ele entrou para ser frade
mais do que qualquer tinha tino.

O Meirinho:

O MEIRINHO:

— *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Dizem que quando vinha preso alguém lhe ofereceu a fuga.
- Alguns aceitaram de saída e hoje andam soltos pelas ruas.
- Outros se foram para Bolívar que livrara várias repúblicas.
- Mas a daqui, compreendeu, precisa ainda de mais luta.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Pela estrada dita Ribeira, onde o Capibaribe sua, com tropa pequena e rompida foi ao Ceará por ajuda.
- Campina Grande, Paraíba, guarda a casa de sua cura, e em Acauã, lá no Ceará, se rende com a tropa viúva.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Foi contra seu Imperador é o que se diz no veredito.
- E separatista ademais; saberá Dom Pedro o que é isso?
- Pensa que é ladrão de cavalos ou que é capitão de bandidos.
- Pensa não ser mal português,

sim, de brasileiro, algum vício.

Frei Caneca:

FREI CANECA:

— Dentro desta cela móvel,
do curral de gente viva,
dentro da cela ambulante
que me prende mas caminha,
posso olhar de cada lado,
para baixo e para cima.
Eis as pedras do Recife
que o professo carmelita,
embora frade calçado,
sente na sola despida.
Como estou vendo melhor
essa grade, essa cornija,
o azulejo mal lavado,
a varanda retorcida!
Parece que melhor vejo,
que levo lentes na vista;
se antes tudo isso milvi,
as coisas estão mais nítidas.
Andando nesse Recife
que me sobrará da vida,
sinto na sola dos pés
que as pedras estão mais vivas,
que as piso como descalço,
sinto as arestas e a fibra.
Embora a viva melhor,
como mais dentro, mais íntima,
como será o Recife
que será? Não há quem diga.
Terá ainda urupemas,
xexéus, galos-de-campina?
Terá estas mesmas ruas?
Para sempre elas estão fixas?

Será imóvel, mudará
como onda noutra vertida?
Debaixo dessa luz crua,
sob um sol que cai de cima
e é justo até com talvezes
e até mesmo todavias,
quem sabe um dia virá
uma civil geometria?

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Eis que ele agora é um réu qualquer
e como qualquer vai vestido.
- Deram-lhe a roupa que se dá
aos assassinos e bandidos.
- O cortejo vai como vinha,
e ele no meio como um bispo.
- Um bispo vigiado, sem pálio,
todo cercado de inimigos.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Uma procissão sem andor
é uma procissão quando mesmo.
- A procissão de *Corpus Christi*
é a procissão de Deus, é a seco.
- Não tem andor. Mesmo invisível,
todo mundo acorre para vê-lo.
- Quem não tem balcão para ficar
aluga algum por qualquer preço.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Afinal o que em contra dele
disse a gente da Comissão?
- Foi contra o morgado do Cabo,

sua impopular nomeação;
foi contra que o rei português
impusesse uma Constituição;
contra enviar-se a esquadra ao Recife
por falsa ameaça de invasão.

O Meirinho:

O MEIRINHO:

— *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida
contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- A procissão é o recorrido
que vai de uma igreja a outra igreja.
- Mas nesta vai nosso caminho
não a igreja, mas fortaleza.
- Até o Forte das Cinco Pontas
porque tem desenho de estrela.
- Mas ficaremos cá de fora,
o réu não entrará na capela.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Mas haverá um santuário
nessa construção holandesa?
- Construíram uma capela mais tarde,
para exorcizar Calvino e o belga.
- Mas a capela fica dentro
dos robustos muros de pedra.
- E o altar da forca ficará
fora dos paredões de pedra.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Não é jovem, tampouco velho,

- apesar dos cabelos brancos.
- Veio andando calmo e sem medo,
ar aberto de amigo, e brando.
 - Não veio desafiando a morte
nem indiferença ostentando.
 - Veio como se num passeio,
mas onde o esperasse um estranho.

Frei Caneca:

FREI CANECA:

- Esta alva de condenado
substituiu-me a batina.
Não penso que ainda venha
a vestir outra camisa.
Certo também é mortalha
e nela sairei da vida.
Não sei por que os condenados
vestem sempre esta batina,
como se a forca fizesse
disso a questão mais estrita.
Será que a morte é de branco,
onde coisa não habita,
ou, se habita, dá na soma
uma brancura negativa?
Ou será que é uma cidade
toda de branco vestida,
toda de branco caiada
como Córdoba e Sevilha,
como o branco sobre branco
que Malevitch nos pinta
e com os ovos de Brancusi
largados pelas esquinas?
Se essa mortalha branca
é bilhete que habilita
a essa morte, eu, que a receio,
entro nela com alegria.

Temo a morte, embora saiba
que é uma conta devida.
Devemos todos a Deus
o preço de nossa vida
e a pagamos com a morte
(o poeta inglês já dizia).
Nessa contabilidade
morte e vida se equilibram,
e, embora no livro-caixa,
e também nas estatísticas,
apareça favorável,
e sempre, o saldo da vida,
no dia do fim do mundo
serão iguais as partidas.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Arrancaram tudo de padre,
o que dele um padre fizera.
- Em dezessete na Bahia
de fome e sede ele sofrera.
- Viveu piolhento, esmolambado,
guardado quase como fera.
- Mas o que lhe arrancaram hoje
trouxe-lhe ainda maior miséria.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Até que enfim esse cortejo
conduz um homem, não um frade.
- A execração tirou-lhe tudo.
Nada é sagrado nessa carne.
- Hoje ninguém da religião
lhe deve solidariedade.
- Veem os barões e os portugueses
que não há brechas entre os padres.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Foi muitas vezes anunciado um indulto do Imperador.
- Tempo já tinha para chegar, mas até hoje não chegou.
- Há dias que não chegam barcos, nenhum tampouco hoje arribou.
- E mesmo que chegue tal barco, quem diz que a Corte o perdoou?

A Meirinho:

A MEIRINHO:

- *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Veleiro que chega do Rio pouco traz (mas leva o que for).
- Para um raro "sim" que eles trazem, trazem de "nãos" enorme ror.
- Quem sabe o indulto foi mandado para a Guiné, para o Pará?
- Será que alguém na Corte sabe onde é que Pernambuco está?

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Eu o imaginava homem alto com olhos acesos, de febre.
- Eu o imaginava também um asceta, puro osso e pele.
- É um homem como qualquer um, e profeta não se pretende.
- É um homem e isso não chegou:

um homem plantado e terrestre.

A gente nas calçadas:

A GENTE NAS CALÇADAS:

- Assim é que pôde sobreviver
à viagem com a tropa ao Agreste.
- Foi à Paraíba, ao Ceará,
que o Capibaribe não investe.
- Foi assim frade e jornalista,
e, em vez de bispo, padre-mestre.
- Viveu bem plantado na vida,
coisa que a gente nunca esquece.

Na praça do Forte

O Vigário Geral e o Oficial:

O VIGÁRIO GERAL E O OFICIAL:

- O bom carrasco oficial
deve estar aprontando o nó.
- Não quis vir. Diz que matar padre
é morte que recai, veloz.
Fizemos todas as ameaças
e as promessas para depois.
Não quer vir. Diz que matar padre
ou gato na vida dá nó.

O Meirinho:

O MEIRINHO:

- *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida
contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

Oficial:

O FICIAL:

- Agora apenas militares
podem entrar neste recinto.
Que os outros todos se dispersem,
Santa Casa, clero e cabido.
Mas fique a gente da Justiça,
os escrivães, que, por escrito,
darão fé da morte na forca
do inimigo da Corte do Rio.

A Gente no Largo:

A GENTE NO LARGO:

- Quem foi que ainda não chegou
para que tenha início a festa?
- Decerto alguma autoridade

- que o veleiro do indulto espera.
- O brigadeiro Lima e Silva,
dizem, é a favor do Caneca.
 - Talvez ele saiba do indulto
e tenha ordenado essa espera.

A Gente no Largo:

A GENTE NO LARGO:

- O brigadeiro Lima e Silva
jamais viria abrir a festa.
- Quem é então o personagem
por quem todo esse mundo espera?
- É mais do que um personagem:
é a outra metade da festa.
- É o carrasco que se não vem
não se enforcará o Caneca.

A Gente no Largo:

A GENTE NO LARGO:

- Lima e Silva não é a favor.
Ele não é contra o Caneca.
- Ele dobrou-se à Comissão:
nem procurou influir nela.
- Se for verdade, o Imperador
tirará tudo o que ele era.
- Lhe dirá que vá para casa
com suas grã-cruzes, comendas.

A Gente no Largo:

A GENTE NO LARGO:

- Não é o carrasco um tal Vieira
que à forca irá por assassino?
- Ele mesmo. E se enforca o padre
terá abertos os caminhos.
- Quando o foram buscar não quis

- aparecer, e o disse a gritos.
— Muita coronhada apanhou,
porque não quis, e pelos gritos.

A Gente no Largo:

A GENTE NO LARGO:

- Que passa com o outro ator
que nos deixa todos na espera?
— O outro personagem, o carrasco,
não aceita o papel, se nega.
— Nem o trouxeram da cadeia.
Ali disse não, e se queda.
— Seu não, está claro, lhe deu
muito o que curar, muita quebra.

A Gente no Largo:

A GENTE NO LARGO:

- Dizem que foi ameaçado
por padres, parentes, amigos.
— Nada disso: não vem por medo
do que lhe dizem os espíritos.
— Dizem que uma dama, na véspera,
pôde chegar a seu cubículo.
— Que não enforcasse o afilhado
a dama teria pedido.

O Oficial e um Carrasco

O OFICIAL E UM CARRASCO:

- Agora chegou. É tua vez
de se livrar com teu serviço.
— Porém dessa vez eu não posso.
Matar um santo é mais que um bispo.
— Sabes o que te passará
se não fizeres o que digo?
Não te disse que teu indulto

- depende só desse suplício?
- Sei disso. E do que passarei.
Que a forca é certo, é mais que risco.
 - Sabes o que é ser enforcado,
por que passarás antes disso?
 - Morrerei na forca, se chego,
se das torturas sair vivo.
Sei que à forca não chegarei;
morrerei antes, vou para o lixo.

O Oficial e um Outro Carrasco

O OFICIAL E UM OUTRO CARRASCO:

- Devolvam o preso à cadeia.
Por esperar, nada ele arrisca.
Onde está o outro assassino
que às vezes o substituía?
- Aqui estou. Mas, aquele frade,
não está aqui quem o enforcaria.
- Mas quem é que decide aqui?
Sou eu ou a tua covardia?
- Não é por covardia, não.
Cumpro ordens da Virgem Maria.
- E como essas ordens te deu?
Soprou-te numa ventania?
- Cobrindo o frade com seu manto,
voando no céu ela foi vista.
Para mim é mais que uma ordem,
seja ela falada ou escrita.

O Oficial e um Soldado:

O OFICIAL E UM SOLDADO:

- Correndo chegue-se à cadeia.
Traga o mais malvado de lá.
Sairá hoje livre. Perdoado
de tudo o que fez ou fará.
- Chefe, daqui para a cadeia

muito tempo se tardará.
Será dupla perda de tempo.
Preso nenhum aceitará.
Crê Vossoria nessa história
da Virgem abençoando-o do ar?
— Como posso crer tal absurdo?
— É de hoje, mas é lenda já.
Mas corro à cadeia, à procura
do mais facinoroso que há.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Falaram a dois substitutos,
ambos à morte condenados.
- Ofereceram-lhes igual prêmio:
ir seus caminhos liberados.
- Nenhum não quis. Do mesmo jeito,
ambos os dois foram espancados.
- A réus sem morte ofereceram
mesmo prêmio que aos dois carrascos.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Por falta de quem contracene
abandonarão todo espetáculo.
- E terminarão confiando
o enforcamento a um voluntário.
- Consultaram todo o escalão
do sistema penitenciário.
- Mas ninguém quis. Certo tiveram
a visita da Dama de pardo.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Um emissário foi mandado
recrutar gente na cadeia.

- Foi fazer a todos os presos oferta melhor que as já feitas.
- Por piores que sejam os crimes, sairão soltos, e a vida feita.
- Com bom emprego na cadeia, farda, comida, cama e mesa.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Mas duvido que lá encontrem o pessoal que lhes convenha.
- Fosse a oferta feita na praça, teriam carrascos às pencas.
- Se negociassem esses cargos, seria fácilima a venda.
- Até padres se prestariam para salvar a ordem e a crença.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Assim, cá estamos à espera de um tipo ideal de carrasco.
- Que não tenha fé numa Dama que voa vestida de pardo.
- Que tenha um crime para ser de alguma forma premiado.
- Para quem a força compense carência que o deixe saciado.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Uma força sempre precisa de um enforcado e de um carrasco.
A força não vive em monólogos:
dialética, prefere o diálogo.
Se um dos dois personagens falta,

não pode fazer seu trabalho.
O peso do morto é o motor,
porém o carrasco é o operário.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Dizem por aí que o emissário
voltou com ambas mãos vazias.
- Ninguém aceitou o perdão
porque ele é à custa da vida.
- Sair das grades está bem,
de ser carrasco não se hesita.
- O grave é depois fazer face
ao que a Dama de pardo exija.

O Soldado

O SOLDADO:

- Vi na cadeia muitos réus
que esperam tranquilos a pena.
Disse tudo o que me mandaram,
mas foi inútil toda a lenha.
Nem mesmo o monstruoso assassino
que trucidou na Madalena
pai, mãe, filho, mais quatro escravos
e um bebê de dias apenas,
que por isso foi condenado
pegando a última sentença,
concorda em enforcar o padre,
diz que é questão de consciência.
Parece que o melhor carrasco
é um menino em toda inocência:
ir buscar no Asilo da Roda
carrasco infantil, mas com venda.

Oficial

O OFICIAL:

— Seja o que for, vou eu agora
até a Comissão Militar
pedir que forme um pelotão
que venha para o fuzilar.
Unica saída que vejo,
embora seja irregular:
é pedir o ascenso do crime
a um digno crime militar.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

— Enquanto isso tudo, ele espera
sentado nos degraus da forca.
— Como se não fosse com ele
o corre-corre em sua volta.
— Sente como pode ser longo
o que nós chamamos de agora.
— Que é como um tempo de borracha
que se elastece ou que se corta.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

— Há mais de três horas espera
sem ver chegar a sua própria.
— Não é uma tortura menor
que a da cela negra e sem horas.
— Maior do que a por que passou
na caminhada de ainda agora.
— E mais se são horas barradas
pelo muro onde se ergue a forca.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

— Sabia, ao vir, que caminhava
ao encontro da própria morte.
— Pensou que o estivesse aguardando

- encostada ao portal do Forte.
- E que lhe saísse ao encontro
entreabrindo-lhe os braços, nobre.
 - Mas chegando logo sentiu
como é altiva e fria a consorte.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Logo que chegou descobriu
que a morte nem sempre tem fome.
- E, mais, que nem sempre tem mãos
para acionar seus ressortes.
- Necessita sempre de um braço,
de enfarte, de câncer, virose.
- E que, numa força inanimada,
precisa de um braço a suas ordens.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- A morte já o estava caçando
desde o ano de dezessete.
- Hoje ele está à espera dela,
que chegue afinal, se revele.
- Como descobrir quem ela é
no meio de toda essa plebe?
- Chega a pensar que o não deseja,
chega imaginar que o despreze.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Não imagina onde ela está,
de onde virá, nem como seja.
- Imagina que ela é biqueira,
que há gente que não lhe apeteça.
- Não sabe é que ela já está aqui;
falta-lhe é o braço com que opera.

— Que desta vez nenhum carrasco
ousa colaborar com ela.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Como não surge quem o enforque,
chamaram a tropa de linha.
- Ele ainda está ao pé da forca,
esperando o carrasco, ainda.
- Se a espera for de muito tempo,
o povo dele se apropria.
- Já está inquieto e excitado,
com molas de quem se amotina.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Creio que ao mesmo Frei Caneca
essa tropa vem como alívio.
- Leva ali horas esperando,
suplício de esperar suplício.
- Para quem está esperando
cada minuto vale um espinho.
- E, quando a espera é de martírio,
vira uma pua cada espinho.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Esperar é viver num tempo
em que o tempo foi suspenso.
- Mesmo sabendo o que se espera,
na espera tensa ele é abolido.
- Se se quer que chegue ou que não,
numa espera o tempo é abolido.
- E o tempo longo mais encurta
o da vida, é como um suicídio.

O Meirinho

O MEIRINHO:

— *Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca.*

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- A morte é sempre natural,
no que não crê esse meirinho.
- Quer se dê na cama ou na forca
é natural, pois do organismo.
- Pode vir de dentro ou de fora,
segundo a anedota ou o ocorrido.
- Só cabe anunciar é se ela
virá do previsto ou imprevisto.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Cabe perguntar se tudo isso
é de má-fé ou por equívoco.
Todos têm medo de assumir
entrar na desgraça do Rio.
- Ninguém assumindo essa morte,
fingem carrascos insubmissos.
- Doze homens o vão fuzilar;
pois ninguém o ousava sozinho.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Enforcar é festa de praça,
ver fuzilar é para poucos.
- Será fuzilado na forca,
num suplício híbrido e novo.
- Isso de morrer fuzilado
não é só decoroso, é honroso.
- É que morrer de bala é nobre,
embora substitua outro modo.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- E, agora, como sairão dessa
os que arrumaram seu martírio?
- Martírio não é só na forca,
pode haver outros, e os de tiro.
- Dizque aí que já convocaram
todo um pelotão aguerrido.
- Não se pode mais esperar
o navio impontual do Rio.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Como ninguém quis enforcá-lo,
chamaram soldados de linha.
- Cada um mais aposto, levando
a amante exigente, a clavina.
- Pensam: mais que a guerra estrangeira
é a guerra ao pé, esquina a esquina.
- É muito fácil transformá-la,
de política, nessa que pilha.

Dois Oficiais:

DOIS OFICIAIS:

- Pois creio que esperar ainda
é coisa de todo impossível.
A gente que aguarda na praça
pode ser barril explosivo.
- Uma autoridade não pode
deixar-se assim desacatar,
ainda menos por réus de morte,
mortos, que não querem matar.
- O melhor foi mesmo pedir
à ilustre Junta Militar
pelotão da tropa de linha
que o venha aqui arcabuzar.

— A solução decerto é a única,
mas um problema vai criar:
a Caneca tirou-se a força,
sendo um criminoso vulgar.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

— A força deve estar tristíssima,
vão fuzilá-lo a clavinote.
— A tropa vem com os utensílios
da arte de provocar a morte.
— Eis por que a força está triste,
privada que foi de seu dote.
— Está triste, ainda mais corcunda,
de artrismo ou tuberculose.
— Mais, por ver que a tropa manobra
a seus pés, em filas de morte.
— E mais, porque ela foi privada
de seu prazer, e assim de chofre.
— Morte mecânica, industrial,
sem qualquer gosto pelo esporte.
— Luta de doze contra um só,
o que não é digno nem nobre.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

— Assim, não o podemos ver mais?
Quando o veremos estará morto?
— Ver, não. Ouviremos sua morte,
quem de todo ainda não está mouco.
— Nem o poderemos rever
nem mesmo quando estiver morto?
— Certo, não. Eles saberão
como escamotear o corpo.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Já não se sabe onde o levaram.
Foi conduzido à Fortaleza.
- Mas o que que terão lá dentro?
Vão trucidá-lo na capela?
- Como não chegou o carrasco,
matam-no de qualquer maneira.
- Deram-lhe veneno ou facada,
pois tiro levanta suspeitas.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Talvez o fizeram fugir
saltando por porta travessa.
- Talvez o forçassem a fugir
para atingi-lo na carreira.
- Não sei. Tiro de carabina
subiria da Fortaleza.
- Se agora não o estão torturando,
não lhe farão fazer a sesta.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Por que o chamam sempre Caneca
se se chama mesmo é Rabelo?
- Frei Caneca é o filho maior
de certo Rabelo tanoeiro;
ao pai, por sua profissão,
chama-o Caneca o povo inteiro.
E o filho quando se ordenou
quis levar a alcunha do velho.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Por que não deixou para um lado
esse apelido de Caneca?
Ser do Amor Divino era pouco

- para dignificar quem ele era?
— Não quis esconder que seu pai
um simples operário era,
nem mentir parecendo vir
das grandes famílias da terra.

O Meirinho

O MEIRINHO:

- *Vai ser executada a sentença de morte natural por espingar-
deamento, proferida contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo,
Caneca.*

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Durante todo esse caminho
percorrido pelo cortejo,
se postavam pelos balcões
senhoras curiosas de vê-lo;
outras, na rua, desmaiavam
ou mostravam seu desespero.
— Quem na rua, quem no balcão
não rezam pelo mesmo terço.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- O cabido inteiro de Olinda
e a mais gente de religião,
cruz alçada, foram pedir
que suspendessem a execução.
— Ouvi dizer que não moveram
os forasteiros da Comissão;
sequer entraram no palácio
onde vivem, e sempre em sessão.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Ser fuzilado é dignidade

- do militar, mais que castigo.
- Fuzilado assim, sem direito, recebe mais do que o pedido.
 - Dizem que a força reagiu, pegou estranho reumatismo.
 - Perdeu a honra de enforcar de seus patrícios o mais digno.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- A força é a pena habitual para assassinos e bandidos.
- Assim, para mais humilhá-lo, foi condenado a tal suplício.
- Ser fuzilado é a pena digna do militar, mesmo insubmisso.
- Como ninguém quis enforcá-lo, na hora final foi promovido.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Não puderam não conceder-lhe essa honra de ser fuzilado.
- Foi mais bem por medo da gente que até aqui veio apoiá-lo.
- A gente se põe inquieta pela demora do espetáculo.
- A irritação pode crescer e então fazer por libertá-lo.

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Não concebo outra explicação para que houvesse tanta espera.
- Decerto emissário do Rio deve ter chegado a esta terra.

- Quem dirá que neste momento o perdão não é posto em letra?
- Ou portaria que o condene somente à cadeia perpétua?

A gente no largo:

A GENTE NO LARGO:

- Lá ficaria toda a vida com a geometria e a aritmética.
- Sua vida poderia ser muito mais útil do que era.
- O Imperador dos brasileiros os escritores muito preza.
- Tardou o indulto mas chegou. É mais seguro vir por terra.

(Aqui, descarga de espingardas.)

No pátio do Carmo

Um grupo no pátio:

UM GRUPO NO PÁTIO:

- Fora de Portas, no santuário,
rezou todo o dia o Caneca.
- Acendeu a todos os santos,
de todos renovou as velas.
- A vizinhança o acompanhava
na casa que virou capela.
- Nem se lembrou da oficina
de tanoeiro, ao lado dela.

Mesmo Grupo no Pátio:

MESMO GRUPO NO PÁTIO:

- Esperou, em todas as formas
do verbo esperar, nessa espera.
- Sua vista chegava mais longe
e nem parecia já velha.
- Sua vista chegava a Piedade,
saltando o Pina e a Barreta.
- O mar de todo indiferente
desembarcava ondas desertas.

Mesmo Grupo no Pátio:

MESMO GRUPO NO PÁTIO:

- Esse mar, vacante e baldio,
é tudo que esse velho enxerga.
- E quando não estava rezando
perscrutava o mar da janela.
- Ia para a beira do mar
para ver melhor o que se acerca.
- Da casa para a praia, erradio,
assim todo o dia navega.

Mesmo Grupo no Pátio:

MESMO GRUPO NO PÁTIO:

- Por vezes seu olhar fugia
rumo à Campina do Taborda.
- Porém a vista não podia
saltar camboas, casas, hortas.
- Seu ouvido é que mais se abria,
se alongava naquela rota.
- Mas não sabia o que podia
lhe vir de tão distante porta.

Mesmo Grupo no Pátio:

MESMO GRUPO NO PÁTIO:

- A todos os santos e santas,
sem cansar, todo o dia reza.
- Reza também ao vento sul
a ver se envia alguma vela.
- De pé, pela beira do mar,
com toda a pele todo acesa.
- Está à espera do ar da brisa,
do vento sul, de língua seca.

Mesmo Grupo no Pátio:

MESMO GRUPO NO PÁTIO:

- A vista de nada serviu,
lado do sul, nenhum navio.
- Mas o ouvido, lado do Forte,
acusou o estalo de tiros.
- Não entendeu logo o que era:
é surda a força e seus ruídos.
- Enfim entendeu: fora a bala
que dera cabo de seu filho.

Mesmo Grupo no Pátio:

MESMO GRUPO NO PÁTIO:

- Ele nada diz, quando entende
o que foi a fuzilaria.
- Nada diz, mas sai da janela,

- entra no quarto-santaria.
- Atira as flores para o lixo,
apaga as velas que ainda ardam.
 - Traz uma primeira braçada
dos santos que há tanto nutria.

Mesmo Grupo no Pátio:

MESMO GRUPO NO PÁTIO:

- Mais outras se vão sucedendo
(era frequentado esse asilo).
- Sobre o peitoril da janela
enfileirou o pelotão pio.
- Pelo pescoço, santo a santo
joga no mar, ainda vazio.
- Muitos deles não se afundaram,
boiaram, míseros navios.

Cinema no Pátio

CINEMA NO PÁTIO

Quatro calcetas com duas tábuas ao ombro, nas quais se pode distinguir o corpo de um homem deitado, dirigem-se à porta principal da Basílica do Carmo, e deixam cair no chão, grosseiramente, o corpo que traziam. Batem na porta, aos pontapés, e vão embora, sem esperar. A porta da igreja se abre pesadamente e aparece o vulto de um sacerdote que arrasta para dentro da nave o corpo atirado nos degraus da escada. A porta se fecha, e a noite prossegue, também pesadamente.

Quito, 1981

Tegucigalpa, 1983

Apêndices

Cronologia

1920 – Filho de Luiz Antônio Cabral de Melo e de Carmem Carneiro-Leão Cabral de Melo, nasce, no Recife, João Cabral de Melo Neto.

1930 – Depois de passar a infância nos municípios de São Lourenço da Mata e Moreno, volta para o Recife.

1935 – Obtém destaque no time juvenil de futebol do Santa Cruz Futebol Clube. Logo, porém, abandona a carreira de atleta.

1942 – Em edição particular, publica seu primeiro livro, *Pedra do sono*.

1945 – Publica *O engenheiro*. No mesmo ano, ingressa no Itamaraty.

1947 – Muda-se, a serviço do Itamaraty, para Barcelona, lugar decisivo para a sua obra. Compra uma tipografia manual e imprime, desde então, textos de autores brasileiros e espanhóis. Nesse mesmo ano trava contato com os espanhóis Joan Brossa e Antoni Tàpies.

1950 – Publica *O cão sem plumas*. Em Barcelona, as Editions de l'Òc publicam o ensaio *Joan Miró*, com gravuras originais do pintor. O Itamaraty o transfere para Londres.

1952 – Sai no Brasil, em edição dos *Cadernos de cultura do MEC*, o ensaio *Joan Miró*. É acusado de subversão e retorna ao Brasil.

1953 – O inquérito é arquivado.

1954 – *O rio*, redigido no ano anterior, recebe o Prêmio José de Anchieta, concedido pela Comissão do IV Centenário de São Paulo, que também imprime uma edição do texto. A Editora Orfeu publica uma edição de seus *Poemas reunidos*. Retorna às funções diplomáticas.

1955 – Recebe, da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Olavo Bilac.

1956 – Sai, pela Editora José Olympio, *Duas águas*. Além dos livros anteriores, o volume contém *Paisagens com figuras*, *Uma faca só lâmina* e *Morte e vida severina*. Volta a residir na Espanha.

1958 – É transferido para Marselha, França.

1960 – Em Lisboa, publica *Quaderna e*, em Madri, *Dois parlamentos*. Retorna para a Espanha, trabalhando agora em Madri.

1961 – Reunindo *Quaderna e Dois parlamentos*, junto com o inédito *Serial*, a Editora do Autor publica *Terceira feira*.

1964 – É nomeado um dos representantes da delegação brasileira nas Nações Unidas, em Genebra.

1966 – Com música de Chico Buarque de Holanda, o Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca) monta *Morte e vida severina*, com estrondoso sucesso. A peça é encenada em diversas cidades brasileiras e, depois, em Portugal e na França. Publica *A educação pela pedra*, que recebe vários prêmios, entre eles o - Jabuti. O Itamaraty o transfere para Berna.

1968 – A Editora Sabiá publica a primeira edição de suas *Poesias completas*. É eleito, na vaga deixada por Assis Chateaubriand, para ocupar a cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras. Retorna para Barcelona.

1969 – Com recepção de José Américo de Almeida, toma posse na Academia Brasileira de Letras. É transferido para Assunção, no Paraguai.

1972 – É nomeado embaixador no Senegal, África.

1975 – A Associação Paulista de Críticos de Arte lhe concede o Grande Prêmio de Crítica. Publica *Museu de tudo*.

1980 – Publica *A escola das facas*.

1981 – É transferido para a embaixada de Honduras.

1984 – Publica *Auto do frade*.

1985 – Publica *Agrestes*.

1986 – Assume o Consulado-Geral no Porto, Portugal.

1987 – No mesmo ano, recebe o prêmio da União Brasileira de Escritores e publica *Crime na calle Relator*. Retorna ao Brasil.

1988 – Publica *Museu de tudo e depois*.

1990 – Aposenta-se do Itamaraty. Publica *Sevilha andando* e recebe, em Lisboa, o Prêmio Luís de Camões.

1992 – Em Sevilha, na Exposição do IV Centenário da Descoberta da América é distribuída a antologia *Poemas sevilhanos*, especialmente preparada para a ocasião. A Universidade de Oklahoma lhe concede o Neustadt International Prize.

1994 – São publicadas, em um único volume, suas *Obras completas*. Recebe na Espanha o Prêmio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana, pelo conjunto da obra.

1996 – O Instituto Moreira Salles inaugura os *Cadernos de literatura brasileira* com um número sobre o poeta.

1999 – João Cabral de Melo Neto falece no Rio de Janeiro.*

*(Fontes: Melo Neto, João Cabral. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008; *Cadernos de literatura brasileira*. Instituto Moreira Salles. nº 1, março de 1996; Castello, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma & Diário de tudo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006; Academia Brasileira de Letras; Fundação Joaquim Nabuco.)

Bibliografia do autor

POESIA

Livros avulsos

Pedra do sono. Recife: edição do autor, 1942. [sem numeração de páginas.] Tiragem de 300 exemplares, mais 40 em papel especial.

Os três mal-amados. Rio de Janeiro: Revista do Brasil, nº 56, dezembro de 1943. p. 64-71.

O engenheiro. Rio de Janeiro: Amigos da Poesia, 1945. 55 p.

Psicologia da composição com A fábula de Anfion e Antiode. Barcelona: O Livro Inconsútil, 1947. 55 p. Tiragem restrita, não especificada, mais 15 em papel especial.

O cão sem plumas. Barcelona: O Livro Inconsútil, 1950. 41 p. Tiragem restrita, não especificada.

O rio ou Relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife. São Paulo: Edição da Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954. [s.n.p.]

Quaderna. Lisboa: Guimarães Editores, 1960. 113 p.

Dois parlamentos. Madri: edição do autor, 1961. [s.n.p.] Tiragem de 200 exemplares.

A educação pela pedra. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966. 111 p.

Museu de tudo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. 96 p.

A escola das facas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. 94 p.

Auto do frade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984. 87 p.

Agrestes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 160 p. Além da convencional, houve tiragem de 500 exemplares em papel especial.

Crime na calle Relator. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. 82 p.

Sevilha andando. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. 84 p.

Primeiros poemas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1990. 46 p. Tiragem de 500 exemplares.

Obras reunidas

Poemas reunidos. Rio de Janeiro: Orfeu, 1954. 126 p.

Duas águas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. 270 p. Inclui em primeira edição *Morte e vida severina*, *Paisagens com figuras* e *Uma faca só lâmina*. Além da convencional, houve tiragem de 20 exemplares em papel especial.

Terceira feira. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1961. 214 p. Inclui em primeira edição *Serial*.

Poesias completas. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. 385 p.

Poesia completa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. 452 p.

Museu de tudo e depois (1967-1987). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 339 p.

Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Inclui em primeira edição *Andando Sevilha*. 836 p.

Serial e antes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 325 p.

A educação pela pedra e depois. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 385 p.

O cão sem plumas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, 204 p. Inclui *Pedra do sono*, *Os três mal-amados*, *O engenheiro*, *Psicologia da composição* e *O cão sem plumas*.

Morte e vida severina. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, 176 p. Inclui *O rio*, *Morte e vida severina*, *Paisagens com figuras* e *Uma faca só lâmina*.

A educação pela pedra. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, 298 p. Inclui *Quaderna*, *Dois parlamentos*, *Serial* e *A educação pela pedra*.

Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 820 p.

Antologias

Poemas escolhidos. Lisboa: Portugália Editora, 1963. 273 p. Seleção de Alexandre O'Neil.

Antologia poética. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965. 190 p.

Morte e vida severina e outros poemas em voz alta. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966. 153 p.

Literatura comentada. São Paulo: Abril Educação, 1982. 112 p. Seleção de José Fulaneti de Nadai.

Poesia crítica. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. 125 p.

Melhores poemas. São Paulo: Global, 1985. 231 p. Seleção de Antonio Carlos Secchin.

Poemas pernambucanos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Centro Cultural José Mariano, 1988. 217 p.

Poemas sevilhanos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. 219 p.

Entre o sertão e Sevilha. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. 109 p. Seleção de Maura Sardinha.

O artista inconfessável. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, 200 p.

PROSA

Considerações sobre o poeta dormindo. Recife: Renovação, 1941. [s.n.p.]

Joan Miró. Barcelona: Editions de l'Oc, 1950. 51 p. Tiragem de 130 exemplares. Com gravuras originais de Joan Miró.

Aniki Bobó. Recife: s/editor, 1958. Ilustrações de Aloisio Magalhães. [s.n.p.] Tiragem de 30 exemplares.

O Arquivo das Índias e o Brasil. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1966. 779 p. Pesquisa histórica.

Guararapes. Recife: Secretaria de Cultura e Esportes, 1981. 11 p.

Poesia e composição. Conferência realizada na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, de São Paulo, em 1952. Coimbra: Fenda Edições, 1982. 18 p. Tiragem de 500 exemplares.

Idéias fixas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FBN; Mogi das Cruzes, SP: UMC, 1998. 151 p. Org. Félix de Athayde.

Prosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 139 p.

Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Casa de Rui Barbosa, 2001. 319 p. Org. Flora Sússekind.

Bibliografia selecionada sobre o autor

- ATHAYDE, Félix de. *A viagem (ou Itinerário intelectual que fez João Cabral de Melo Neto do racionalismo ao materialismo dialético)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2000. 111 p.
- BARBIERI, Ivo. *Geometria da composição*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997. 143 p.
- BARBOSA, João Alexandre. *A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Duas Cidades, 1975. 229 p.
- _____. *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: PubliFolha, 2001. 112 p.
- BRASIL, Assis. *Manuel e João*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 270 p.
- CAMPOS, Maria do Carmo, org. *João Cabral em perspectiva*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995. 198 p.
- CARONE, Modesto. *A poética do silêncio*. São Paulo: Perspectiva, 1979. 128 p.
- CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma & Diário de tudo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 269 p.
- COUTINHO, Edilberto. *Cabral no Recife e na memória*. Recife: Suplemento Cultural do *Diário Oficial*, 1997. 33 p.
- CRESPO, Angel, e GOMEZ Bedate, Pilar. *Realidad y forma en la poesía de Cabral de Melo*. Madri: Revista de Cultura Brasileña, 1964. 69 p.
- ESCOREL, Lauro. *A pedra e o rio*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001, 141 p.
- GONÇALVES, Aguinaldo. *Transição e permanência. Miró/João Cabral: da tela ao texto*. São Paulo: Iluminuras, 1989. 183 p.
- LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira – Mário, Drummond, Cabral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. 335 p.
- LOBO, Danilo. *O poema e o quadro: o picturalismo na obra de João Cabral de Melo Neto*. Brasília: Thesaurus, 1981. 157 p.

- LUCAS, Fábio. *O poeta e a mídia*. Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Senac, 2003. 143 p.
- MAMEDE, Zila. *Civil geometria*. Bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Livraria Nobel/Edusp, 1987. 524 p.
- MARTELO, Rosa Maria. *Estrutura e transposição*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1989. 138 p.
- NUNES, Benedito. *João Cabral: a máquina do poema*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. 173 p.
- _____. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 1971. 217 p.
- PEIXOTO, Marta. *Poesia com coisas: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Perspectiva, 1983. 215 p.
- PEIXOTO, Níobe Abreu. *João Cabral e o poema dramático: Auto do frade, poema para vozes*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001. 150 p.
- SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. *Processos retóricos na obra de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Hucitec, 1980. 168 p.
- SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos*. 2ª ed., rev. e ampliada. Rio de Janeiro/São Paulo: Topbooks/Universidade de Mogi das Cruzes, 1999. 333 p.
- SENNÁ, Marta de. *João Cabral: tempo e memória*. Rio de Janeiro: Antares, 1980. 209 p.
- SOARES, Angélica Maria Santos. *O poema: construção às avessas: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 86 p.
- SOUZA, Helton Gonçalves de. *A poesia crítica de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Annablume, 1999. 220 p.
- _____. *Dialogramas concretos*. Uma leitura comparativa das poéticas de João Cabral de Melo Neto e Augusto de Campos. São Paulo: Annablume, 2004. 276 p.
- VÁRIOS. *The Rigors of Necessity*. Oklahoma: World Literature Today, The University of Oklahoma, 1992. p. 559-678.
- VÁRIOS. *Dossiê João Cabral*. Revista Range Rede, nº 0. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos Literários Palavra Palavra, 1995. 80 p.

VÁRIOS. *João Cabral de Melo Neto*. Cadernos de Literatura nº 1. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1996. 131 p.

VÁRIOS. *Paisagem tipográfica*. Homenagem a João Cabral de Melo Neto. Lisboa: Colóquio/Letras 157/158, julho-dezembro de 2000. 462 p.

VERNIERI, Susana. *O Capibaribe de João Cabral em O cão sem plumas e O rio: Duas águas?*. São Paulo: Annablume, 1999. 195 p.

TAVARES, Maria Andresen de Sousa. *Poesia e pensamento*. Wallace Stevens, Francis Ponge, João Cabral de Melo Neto. Lisboa: Caminho, 2001. 383 p.

TENÓRIO, Waldecy. *A bailadora andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996. 178 p.

João Cabral de Melo Neto nasceu no Recife, em 1920. Depois de viver os primeiros anos no engenho da família, voltou à capital ainda jovem e, ao completar 20 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1942, publicou seu primeiro livro, *Pedra do sono*. Em 1950, lançou *O cão sem plumas*, considerado hoje um marco em sua poesia. Nos anos seguintes, publicou outras obras significativas, como *O rio* e *Morte e vida severina*, que o consagraram definitivamente. Diplomata, residiu em vários países, sobretudo na Espanha, nas cidades de Sevilha e Barcelona, que se tornariam tema frequente em sua poesia. Recebeu uma série de prêmios importantes, como o Camões, o Neustadt International e o Rainha Sofia, e foi cogitado para receber o Prêmio Nobel. Faleceu em 1999.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Na cela

Na porta da cadeia

Da cadeia à Igreja do Terço

No adro do Terço

Da Igreja do Terço ao Forte

Na praça do Forte

No pátio do Carmo

Cronologia

Bibliografia do autor

Bibliografia selecionada sobre o autor

Sobre o Autor